



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**Faculdade de Educação Física – FEF
Departamento de Educação Física e Humanidades - DEFH**

Relatório Final Iniciação Científica:

Educação do corpo e identidades brasileiras: Representações da juventude na década de 1930 em “A Gazeta”

Orientador: EDIVALDO GOIS JUNIOR
Aluno Bolsista: JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA MAZZUCATTO
RA: 218857

PIBIC: Bolsa: SAE/AF – 2019/2020
Início da bolsa: 01/08/2019 - **Término da Bolsa:** 31/08/2020

Campinas, agosto de 2020

Introdução	3
Procedimentos metodológicos	4
Resultados/Discussão	6
Considerações finais	15
Matéria encaminhada para publicação	15
Apoio	15
Perspectiva de continuidade ou desdobramento do trabalho	16
Referências Bibliográficas	18
Fontes	Error! Bookmark not defined.

1. Introdução

Devido a grande plasticidade e multiplicidade cultural existente na esfera social, se tornou necessário a compreensão de identidades que vão além das grandes divisões homogeneizadoras, como a de classes econômicas, que deixam escapar particularidades de grupos sociais muito distintos. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (2003, p. 153), “é por meio de um formidável abuso de linguagem que se subsume no mesmo conceito universos sociais que praticamente nada têm em comum”, portanto, não pensar nas inúmeras identidades e cruzá-las, como gênero, idade, etnia, organização política, nacionalidade, religião, entre outras, acaba omitindo diferenças importantes que nos ajudam a entender a complexidade do mundo social. É por entender as juventudes¹ como uma faceta desse mundo - e por isso um elemento tão importante quanto qualquer outro para a análise social -, que visamos apreender os significados que a atravessam.

Ao falar de juventudes, cabe ficar atento para o entendimento de que elas são uma diferenciação de determinados grupos de indivíduos, que é socialmente construída. Ser jovem não é uma definição estritamente dependente da idade cronológica ou da maturação biológico-fisiológico, mas de diversos outros fatores comportamentais, visuais e de costumes, que são atribuídos culturalmente, e se encontram no âmbito das representações. Ou seja, o corpo jovem não é apenas constituído pelo corpo cronológico, tampouco somente pelo corpo biológico, pois existe nesse corpo uma expressão valorativa, mas também nem só de cultura, pois existe uma materialidade² (PEREGRINO, 2011). Do sujeito que durante sua juventude tinha comportamentos destoantes dessa expectativa, diz-se que foi “em sua mocidade chamado de ‘o velho’, devido a sua prudência e rigidez de costumes” (O DIA, 1931, p. 4). Portanto, sendo o corpo um objeto de estudo da Educação Física, seja ele o biológico, o cultural ou o histórico, compreender a dimensão simbólica dos corpos jovens já se encerra por si só como um tema pertinente à área.

Essas categorias baseadas em faixa etária, como “infância”, “juventude”, “adulthood”, “adolescência”, “velhice” etc. começam a ganhar força na medida em que a sociedade moderna avança e se industrializa. Antes da modernidade, não eram muito claras essas diferenciações baseadas em idade, e a criança era percebida como nada mais nada menos que um “adulto em miniatura” (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2003). Essa preocupação tem tudo a ver com a construção desse novo modelo social denominado de moderno, no qual as crianças e os jovens, compreendidos como sujeitos que irão constituir e moldar a sociedade no futuro, ganham uma atenção especial nos processos educacionais, pois como afirma Groppo (2004), “a juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar os indivíduos, normatizar comportamentos, e

¹ O emprego da palavra no plural, é por compreender que a juventude, como qualquer outra categoria social, se constitui de uma vasta heterogeneidade, sendo sempre muito insuficiente pensar nesses grupos de forma homogênea. É por esse motivo que para Bourdieu (2003) não se pode falar em juventude, e sim em juventudes já que os grupos juvenis são múltiplos e diversos, apresentando, entretanto, uma “condição juvenil”, ou seja, algo que os une enquanto uma categoria social (GROPPO, 2004).

² Penso nessa materialidade como sendo critérios objetivos: a maturação biológica e a cronologia por exemplo.

definir direitos e deveres”, conclusão que pode ser estendida a todas as outras categorias. Ao fazer isso, o objetivo é estabelecer um controle sobre as condutas consideradas adequadas para a manutenção da saúde, para engendrar ou manter uma ordem social determinada pautada em uma postura considerada saudável em termos individuais e coletivos.

O projeto editorial da *A Gazeta* nos anos estudados, é um projeto moderno e de cunho fortemente nacionalista, que se voltava para as problemáticas sociais e econômicas das cidades, e para as consequências sociais do processo de urbanização. É nessa toada que o periódico cria no final da década de 1920, suplementos como *A Gazetinha*, voltado para crianças, *Página Feminina*, direcionado para as questões do mundo da mulher, e *A Gazeta Esportiva*, voltado para temas pertinentes ao esporte. O Nacionalismo, apesar de não ter sido um dos temas escolhidos para o foco desta pesquisa, certamente é um grande propulsor e está muito conectado com aqueles que foram: esporte, eugenia e rejuvenescimento. Isso porque ao pensamento de construção da nação e de unidade nacional, está acoplado o intuito de construir uma nação forte, o que nos leva à eugenia, e um dos instrumentos para isso seria a difusão da prática esportiva à juventude, compreendida como o futuro da nação. Por isso, muito embora na década de 30, com a ascensão da modernidade no Brasil, a prática esportiva já fosse bem vista e recomendada para toda população, de crianças a velhos³, nesse bojo que configurava o ser moço, o esporte era imprescindível, e sua prática justificada com base no fortalecimento da raça - eugenia -, na conservação da juventude, e quando o assunto eram mulheres, foi possível perceber nas fontes uma forte associação do esporte com a estética corporal.

Essa afinidade com ideais nacionalistas na linha editorial explica-se pelos movimentos no âmbito político do diretor e proprietário da *A Gazeta*: o jornalista-empresário Cásper Líbero. O apoio à posse de Júlio Prestes, o apoio a Revolução Constitucionalista de 1932, e a posterior aproximação com Getúlio Vargas, especialmente no Estado Novo, são alguns exemplos que podem ser levantados pois foram defendidas tanto pela *A Gazeta* como por Cásper Líbero, e foram sempre justificadas a partir dos ideais nacionalistas (HIME, 2005). Como a linha editorial do jornal *A Gazeta* passou por um processo de modernização intenso na gestão de Cásper Líbero, o vespertino torna-se um espaço privilegiado para a compreensão de parte dos discursos que circulavam no período acerca da juventude, pois é justamente no interior desse ideário de mundo, como explicitado acima, que a tentativa de delimitar e fechar os significados desse grupo social é veemente.

2. Procedimentos metodológicos

Para facilitar a análise das fontes do trabalho é necessário que elas sejam organizadas e agrupadas por similitudes, tornando o corpo documental inteligível ao pesquisador. Levando esse pressuposto em consideração, neste trabalho a organização

³ Isso fica explícito em uma matéria intitulada “a mais nova e a mais edosa nadadora”, no qual divulga a entrega de medalhas para ambas as nadadoras, seguida da foto do momento (A MAIS... 1934, p. 4). A diferença no tempo de vida das duas campeãs, revela nas entrelinhas que o esporte não tem idade.

das fontes foi estabelecida a partir da coleta do material por meio do acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no qual foram usados no campo de busca as palavras chave “mocidade” e “juventude”, e para ambas as buscas abrangeu-se os anos de 1930 a 1933. O segundo acervo consultado, possibilitou o contato com o jornal físico, localizado no coleção especial da Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp, em que foi coletado o ano de 1931 (novamente) e 1934. O corpo documental foi constituído por fotografias e matérias de jornal, ao encontrar referências diretas ou indiretas sobre mocidade/juventude.

No *jornal físico*, foram coletados 160 títulos - considerando apenas 1934 -, e na *Hemeroteca*, foram 936 documentos referentes a “mocidade”, e 371 a “juventude”, totalizando 1307. Desse total, foi possível analisar todos os artigos referentes ao termo “juventude”, e 406 documentos referentes ao termo “mocidade”.

Durante a leitura do material, com o objetivo de restringir os temas abordados foram observadas três categorias pertinentes para a elucidação do problema de pesquisa proposto: *eugenia e esporte; esporte e suas relações com a juventude; rejuvenescimento ou conservação da mocidade*. Temas como patriotismo, paixão, e loucura, frequentemente associados à juventude foram descartados, pois se distanciaram do objeto de pesquisa pautado nas relações entre juventudes, saúde e prática esportiva, além de outros mais genéricos como resultados de jogos e filmes que mencionam a juventude mas que não contribuíram para nos ajudar a entender os questionamentos que nos trouxeram à essa pesquisa.

A eugenia se caracteriza pela preocupação com a evolução genética da raça humana. Com isso, constrói-se uma hierarquia genética, no qual o objetivo é fazer, de modo racional e deliberado, uma seleção dos genes que precisam ser transmitidos hereditariamente, e dos genes que não podem, de maneira nenhuma, serem passados adiante. Essa teoria baseia-se na biologia, na ideia de que os seres humanos estão em constante evolução, e que a ciência moderna, que detêm o controle da natureza, pode interferir e otimizar esse processo, seja de modo mais sutil, como controlar as condições ambientais nas quais os seres humanos vivem - aqui entra a prática esportiva como um hábito alinhado com os princípios eugenistas -, ou de modo mais invasivo, impedindo que determinados tipos de pessoas se reproduzam, e que haja miscigenação entre aqueles com genética superior e os com genética considerada inferior. Em síntese, “o objetivo da eugenia era estudar a influência da herança genética nas qualidades físicas e mentais dos indivíduos” (GOIS JR; GARCIA, 2011, p. 1), e “define-se como boa procriação” (FONTENELLE, 1940, p. 769 apud GOIS JR; GARCIA, 2011, p. 1).

A base teórica do trabalho foi a história cultural, pois ela avalia assimilar as representações do corpo e as práticas do corpo. O conceito de representações utilizado, refere-se a “significações que permitem o sujeito entender o mundo social” (Chartier, 1991, p. 7), o que nos abre a possibilidade de compreender a dimensão simbólica dos discursos, que são traduzidos em práticas. Da mesma maneira que as representações se traduzem em práticas, as práticas constroem representações, que são inevitavelmente apropriadas pelos sujeitos que as acessam. Os conceitos de práticas e

representações, então, possibilitam perceber de que maneira certos grupos se apropriam daquilo que lhes é imposto. Portanto, práticas, representações e apropriações são faces de uma mesma moeda; são partes de um mesmo processo. Para Peter Burke (2005, p. 10), “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com simbólico e suas interpretações”, sendo por esse motivo a história cultural um campo propício para o desenvolvimento deste estudo, por nos ajudar a pensar em nosso problema: quais representações circulam acerca da juventude no jornal *A Gazeta* entre 1930 e 1934? Quais relações são estabelecidas entre jovens, eugenia, o esporte e o rejuvenescimento nas questões da saúde?

3. Resultados/Discussão

Antes de pensar em quais esportes eram praticados pela juventude, cabem duas perguntas. Primeiro, quais práticas são, de fato, consideradas esporte? E segundo, de qual juventude estamos falando? Início com essa primeira provocação devido a disputas dentro do campo esportivo acerca de práticas que ora foram consideradas esporte, ora não, a depender do interlocutor da mensagem. Nas fontes foram encontrados embates discursivos sobre se o pingue pongue, aparentemente em ascensão no momento, era ou não era esporte. Os praticantes, em resistência a um discurso que recusava reconhecer a prática como esporte, taxando-a como “divertimento de salão”, e chegando a não permitir, por duas vezes, a inserção dela na Confederação Brasileira de Desportos, criaram uma federação específica de pingue pongue, a Federação Brasileira de Pingue-Pongue (*A FEDERAÇÃO...*, 1934, p. 12). A segunda provocação vem a partir da percepção de que certas práticas realizadas pela elite da juventude, não eram acessíveis à juventude trabalhadora. Notícias que afirmavam que o automobilismo ou o tênis eram as práticas mais populares entre os jovens levantam a questão: que jovens são esses? Por isso faz-se necessário a pluralidade do termo, faz-se necessário falar em juventudes. Esse tipo de embates discursivos, que dizem o que as coisas são e o que não são, o que podem ou não fazer, foram captados nas fontes.

Por exemplo, fruto das lutas feministas, há na década de 1930 uma mobilização pela ocupação da mulher aos espaços de trabalho. Um artigo de 1930 intitulado “Uma questão amena de ordem social...”, tem como tema central a seguinte questão: “os vestidos deverão ficar curtos ou descer?”, o que evidencia que nesse momento houve uma certa resistência da sociedade com a forma em que as mulheres estavam se vestindo. A matéria do jornal defendia que os vestidos deveriam sim ficar curtos para um maior conforto da mulher, tendo como um dos argumentos a ocupação do mercado de trabalho, afirmando que “a mulher pratica todas as funções reservadas antigamente ao homem [...] Exercita as mais difíceis profissões, precisa por conseguinte, de indumentaria que lhe facilite a prática dos novos hábitos impostos ao seu sexo pela nova economia do mundo” (*UMA QUESTÃO...*, 1930, p.4). O trecho final revela que a ocupação feminina desses espaços era uma boa ideia, mas não necessariamente em nome de uma emancipação da mulher, e sim porque mulheres ocupando o mercado de trabalho significava mais produção, e mais produção resulta em mais riqueza.

Para além do conforto proporcionado às mulheres no trabalho, os vestidos mais curtos também “emprestariam” a elas algo que toda mulher gostaria de ter: a juventude permanente.

A mulher que trabalha se sente bem, dentro delles, commodos, ligeiros, elegantes. Servem como utilidade immediata aos trabalhos mais complicados e enfeita a silhueta feminina, á qual empresta uma constante alegria de juventude permanente, que toda mulher se esforça por conservar (UMA QUESTÃO..., 1930, p.4)

O prolongamento da juventude, e até mesmo o rejuvenescimento era um debate que estava presente em diversos âmbitos da sociedade, como no campo científico, no religioso⁴, e também no cinema⁵. Produtos cosméticos, cirurgias plásticas, transplante de glândulas, consumo de trigo e leite, e claro, o esporte, estavam entre as inúmeras especulações para esticar aquilo que era considerado “o grande sonho da humanidade” (O CULTO..., 1932, p.2). A busca da juventude prolongada se mostra como um consenso na *A Gazeta*, não havendo um único artigo sequer encontrado que contrarie essa ideia, o palco de diversos embates, entretanto, era uma grande questão: como fazer isso? Jack Mulhall, um artista entrevistado em uma publicação datada de janeiro de 1931, e apontado como “o descobridor do ‘elixir da vida’ que os alchimistas não conseguiram descobrir”, diz o seguinte:

O assumpto que o jornalista brasileiro [...] fere com mais insistencia é precisamente o que diz da ‘minha mocidade que não acaba mais...’ Não sou um macrobio, nem um ancião nascido com Abrahão Lincoln, mas não sou, tambem, da idade do filhinho da minha vizinha [...] Estou convencido de que já completei, entre as festas mais felizes, os vinte e cinco annos, e que já passei os quarenta! Agora o que lhe affirmo é que tenho, pelo menos, mais vinte annos de mocidade - mocidade de corpo e de espirito [...] E explico porque: aos doze annos, eu reparava que um tio meu, de trinta e cinco, parecia um velho de sessenta; os hombros cahidos, o passo tardo e o olhar morto me davam a impressão de que elle não supportava, não aguentava mais com o fardo da vida. Não escondi essa impressão dolorosa ao meu pae [...] Ensinou-me elle que o homem para vencer na vida precisa tratar, paralelamente, do corpo e da alma. E eu, ao mesmo tempo que estudava, me submetia aos mais rudes exercicios, sem exhibicionismo, somente ferido pela lembrança do meu tio de trinta e cinco annos, envelhecido. Dahi eu chegar ao dia de hoje assim, com um humor que não acaba nem mesmo quando durmo

⁴ Esse embate do campo científico e religioso será mostrado mais adiante.

⁵ O filme “Moderno Fausto”, divulgado pela *A Gazeta*, conta a história de um homem velho e rico, que tenciona casar-se com uma moça jovem, e para isso, volta a ser moço com a ajuda de um médico, demonstrando o anseio da sociedade pelo rejuvenescimento, e da comunidade médica pela descoberta da “cura” da velhice (CINEMAS, 1930d, p. 4).

porque - diz a minha mulher - eu durmo sorrindo e às vezes até cantando. Não são poucas as cartas que tenho recebido de todos os pedaços do mundo indagando qual a minha idade, muitas das quaes explicando a razão de ser das perguntas: 'que sou velho e pareço joven' (ENTREVISTANDO..., 1931, p. 6)

O relato de Jack Mulhall, mostra que a juventude é supervalorizada, representada como momento de alegria, de êxtase, em detrimento da velhice, que assim como afirmou Góis Junior (2020), é representada como fraqueza, tristeza, um momento em que não se aguenta mais o “fardo da vida”, nas próprias palavras de Mulhall. O meio viável para a manutenção dessa juventude, segundo o artista, é a prática de exercícios físicos, diga-se esportes, que é muito associado com a mocidade nas fontes analisadas. Isso não significa, contudo, que não havia descontinuidades. Para o cientista Sergio Voronoff por exemplo, a despeito dos avanços higiênicos na sociedade e o combate às doenças que esse estilo de vida proporcionava, naquelas condições de existência se conduzir metodicamente, com exercícios, abdicando de certos prazeres, com prudência e regularidade, não passava de uma utopia, que ninguém conseguiria adotar, ou quando muito, apenas uma minoria. Não era possível, portanto, delegar o prolongamento da juventude à prática de exercícios e a uma vida controlada. Dizia Voronoff que “Nada disto adeanta. Nem eu, nem ninguém preso às exigências da vida moderna, intensiva e febril que temos e que não podemos evitar, [...] poderia observar os conselhos prudentes acima mencionados”. De acordo com ele, a forma mais adequada de buscar estender a juventude, ou rejuvenescer era o transplante de glândulas de macacos, que impediriam o envelhecimento e enfraquecimento das células do corpo humano (COMO PODEREMOS..., 1931, p. 3).

As críticas voltadas ao método Voronoff de rejuvenescimento, oriundas do campo religioso recaiam sobre dois pontos da ideia, especialmente sobre o último: o preço deste procedimento, sob alegação de que os macacos utilizados eram de uma espécie rara, o que tornava inacessível; e a morte desses animais, vítimas em razão do desejo da humanidade em prolongar a juventude e/ou rejuvenescer. Esse conflito foi encontrado em um artigo veiculado em dezembro de 1931, que soou muito explicitamente como um desafio ao método do cientista, afirmando que caso as pesquisas que estavam sendo realizadas por um dito “ministro da igreja cristã”, da Nova Zelândia, funcionassem, suplantaria a proposta de Voronoff. O excerto adiante apresenta a potencial nova descoberta do rejuvenescimento:

Eis aqui uma notícia que a ser confirmada, encherá de alegria não só aos velhos, aos que sonham com o rejuvenescimento prometido pela sciencia, mas também ás pessoas, velhas ou moças que se dedicam á protecção aos animaes [...] Acaba de descobrir extraordinarias propriedades vitalizantes no trigo. E o autor dessa descoberta [...] proclamou logo: 'o trigo substituirá o macaco no rejuvenescimento da humanidade' [...]. Tratando-se de um religioso [...] o assumpto revestirá, talvez, maior importancia do ponto de vista humanitario. Sabe-se que para alcançar os efeitos que tem conseguido, o professor Voronoff já sacrificou e continua a sacrificar dezenas, centenas, ou mesmo milhares de macacos. [...] Sob esse aspecto, a descoberta do ministro de Deus é

providencial. E si ella dêr os resultados que se preconizam, dentro em pouco já não haverá mais velhos. **O mundo se transformará num jardim de Juventas...** (A GAZETA, 1931, p. 5, grifos nossos).

As fontes confirmam essa ânsia em permanecer de corpo jovem pelo máximo de tempo possível, seja de modo mais sutil através do consumo de alimentos e produtos estéticos, como sabonetes, shampoos, cremes, pílulas, leite ou o trigo, ou de modo mais invasivo, como as cirurgias. A enorme quantidade de produtos que prometem o rejuvenescimento confirma a presença de um mercado do rejuvenescimento, que foi explicada por Góis Junior (2020), revelando a apropriação do mercado sobre os discursos científicos de rejuvenescimento. Entretanto, não havia apropriação do mercado apenas para a criação de produtos para a venda em massa, mas também a apropriação para deteriorar outras empresas. Em uma publicação de 1932, um artigo apresenta uma forte reação crítica às propagandas de uma empresa estadunidense denominada “General Foods”, nas quais atacavam com frequência as propriedades da cafeína, presente no café, a principal commodity do Brasil. Segundo a empresa, a cafeína causava insônia, prejudicando a inteligência e a agilidade daqueles que o consumiam, e o pior: destruíam a juventude e a beleza. Nessas propagandas, a “General Foods” visava enaltecer um de seus produtos: o café descafeinado (A CONTRA..., 1933, p. 1). Talvez a finalidade da empresa não fosse necessariamente rebaixar outras empresas que vendiam o café comum nos Estados Unidos, as fontes não deixam isso explícito, mas apenas enaltecer o seu próprio produto. Todavia, o efeito causado, intencionalmente ou não, era esse.

Conforme Ortega y Gasset (1962, p. 121) - que publicou o livro “A Rebelião das Massas” em 1929, período próximo do investigado -, “quando se pensa na juventude, pensa-se antes de tudo no corpo”. Ele se refere ao corpo físico, porém, para além do aspecto físico da juventude, ela representava mais do que isso. Tanto Voronoff como Mulhall, já citados acima, afirmam a juventude como tendo duas facetas: corpo e espírito (ou alma). Tal pensamento foi muito recorrente nas fontes, configurando a juventude também como um estado de espírito, não apenas de corpo material, e junto ao espírito jovem, coexiste um espírito esportivo: “Este homem [...], representa a juventude hodierna, o nobre espírito esportivo, a coragem e as idéias elevadas, o cavalheirismo e os bons instintos, o sorriso e a eterna infância da vida” (SUAS ALTEZAS..., 1931, p. 1). Ou seja, em um período de ascensão do esporte, o jovem e a prática esportiva eram apresentados como duas coisas inseparáveis. Tão indissociáveis que na perspectiva do médico Alexandre Tepedino, colunista da *A Gazeta*, “Moço sem esporte é... neblina de moço...” (TEPEDINO, 1932d, p. 8), apenas uma “imitação de moço” (TEPEDINO, 1932a, p. 5). Apesar dessa forte relação demonstrada entre a juventude moderna e o esporte na sociedade, não havia fortes intervenções do Estado sobre o fenômeno esportivo no início da década de 30, que só viria acontecer no Estado Novo, a partir de 1937 (DRUMOND, 2009). Isso gerava críticas por parte de setores favoráveis ao incentivo maciço da prática esportiva metodizada no país, com objetivos nacionalistas, eugênicos e modernizantes. O ex-atleta Carlos Joel Nelli, que acompanhou os jogos Olímpicos de Los Angeles no final de 1932 demonstrou com veemência seu descontentamento com o nível dos atletas brasileiros, lamentando o atraso esportivo do Brasil e fazendo várias vezes comparações da Educação Física no Brasil com a dos norte americanos, que

segundo ele, era muito superior, metodizada, e racionalizada, cumprido os moldes modernos.

É ahi que reside, fora de qualquer duvida, o segredo da robustez physica da raça yankee, a eficiencia technica dos seus esportistas, o valor, e o poderio que possuem nos esportes do mundo, como nação progressista [...] A “educação physica” que se pratica no Brasil é um verdadeiro erro, embora seja, isso é verdade, de absoluta necessidade, assim mesmo como está. Pois si nem isso tivéssemos, graças unicamente aos esforços isolados particulares, longe do auxilio official, seriamos nós, como ainda somos em mais de noventa por cento, um povo fraco, de raça estiolada, doentia e má.(NELLI, 1932, p. 4)

Para Nelli, que invejava os norte americanos nos esportes, era necessário que o governo fomentasse a prática esportiva racionalizada e moderna para as crianças e jovens no Brasil, que segundo ele, “pouco, ou nada cuida da educação physica da nossa juventude” (NELLI, 1932, p. 7). E mais! Para além da sensação de omissão do governo diante do esporte, as críticas chegaram ao patamar de reclamar que ele criava empecilhos, à exemplo de uma tributação de 2% sobre a renda total dos torneios esportivos, que seriam convertidos para o sistema penitenciário brasileiro. Diante disso, *A Gazeta* acusou o governo paulista - cenário que era similar em toda conjuntura nacional - de se ausentar, atrapalhar, e não responder às demandas da mocidade paulista quando solicitadas, e portanto, não cumprir o papel de apoio e controle dos esportes e da Educação Física, que do ponto de vista do jornal, era dever do governo. Em uma carta redigida pela Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), a juventude universitária expressou seu agradecimento aos veículos de imprensa paulistas pelo apoio ao esporte, afirmando que o jornal *A Gazeta* estava entre os principais apoiadores, evidenciando o forte posicionamento pró-esportivo do periódico (COMO O GOVERNO..., 1934, p. 15).

Grande parte dessa força do esporte sobre a juventude tinha respaldo no pensamento que circulava⁶ sobre a necessidade de uma educação integral da juventude para alcançar a almejada eugenia, uma educação que levasse em conta a dimensão moral, a física e a intelectual. O esporte então supriria as dimensões física e moral, sendo a última por ocasião de um afastamento de práticas “impuras”, como o consumo de álcool⁷ por exemplo. Essas ideias foram contrariadas por uma minoria de intelectuais, como Lima Barreto e Carlos Sussekind de Mendonça (LINHALES, 2009), que

⁶ A ascensão do esporte nesse período não é explicada somente por esse ponto levantado, mas afirmo que esse foi um dos propulsores da prática esportiva.

⁷ No âmbito discursivo, o esporte como contrapeso do consumo de álcool pode até ser presente, mas em meio às práticas cotidianas e apropriações do esporte, isso poderia simplesmente não ter relevância alguma, pois como explicou Gabriela Oliveira (2020), por exemplo, para os bancários praticantes de futebol em São Paulo, apesar desse discurso de que “bom atleta” não deveria consumir álcool, os bancários paulistas tinham o hábito do consumo em confraternizações da Liga Bancária de futebol, e inclusive antes de partidas, o que de certa forma solapa esta interpretação que circunda as representações sobre o esporte.

questionavam esses supostos benefícios do esporte. Na esfera da moralidade, uma dentre várias outras críticas, referia-se às brigas que ocorriam provocadas pelas torcidas, o que de fato acontecia, a exemplo de uma partida de pingue pongue, na qual um dos diretores da Associação Paulista de Pingue Pongue foi agredido (PINGUE..., 1934, p. 10). Por conta de acontecimentos como esse, no que concerne aos benefícios do esporte, que “Lima Barretto não se convenceu [...] o ‘foot-ball’ e o ‘box’ estavam comprometendo a esthetica da raça⁸. Eram mais nocivos ainda: embruteciam a mocidade, desviando-a dos estudos serios e dos exercicios da inteligencia e do espirito” (FILHO, 1930, p. 3). Contudo, para os defensores do esporte, os possíveis desvios de atletas da “boa moral”, eram deslocados para o âmbito individual, era necessário então que o próprio esportista lutasse contra “seus verdadeiros inimigos”, seja o abuso de álcool, de prazeres sexuais, ou a vaidade, a intervenção ao alcance era alertar, ou seja, “atrahir o espírito dos esportistas principiantes sobre os perigos que podem correr e sobre os meios de evital-os [...] de certos lados, parece que ha a preocupação de fazer o contrario. [...] Depois, accusam-se hipocritamente os esportes de serem nefastos” (OS INIMIGOS..., 1934, p. 5). De qualquer forma, é certo que eram hegemônicas as ideias favoráveis ao esporte no quesito educativo.

Nesse sentido, São Paulo sentia a obrigação de entregar ao Brasil os melhores esportistas, eis que “São Paulo, que já deu ao Brasil os maiores nomes nas sciencias, nas artes, na politica, nas finanças, dará tambem mais nomes no esporte e na cultura physica” (ANTONIO..., 1934, p. 12), e tentativas de contrariar ou menosprezar o esporte paulista foram replicadas:

O sr. Felipe Olivé [falou sobre] o papel preponderante do esporte em nossa terra para a formação moral e physica da juventude. [...] Fica por terra, portanto, a falada decadencia do esporte bandeirante, como pretendem insinuar malevolamente os falsos esportistas. [...] A existencia moral do esporte em São Paulo é um facto duradouro e insophismavel (O E.C. HUMBERTO..., 1934, p. 6)

A estupenda jornada de hontem no Rio de Janeiro, provou que com os bandeirantes ainda se encontra a supremacia futebolística (OS PAULISTAS, 1934, s. p.)

Portanto, de acordo com *A Gazeta*, São Paulo teria um papel fundamental, ao permitir a educação moral e física, na formação eugênica da raça, exaltando como os jovens, que antes se divertiam em botequins, haviam desenvolvido prazeres saudáveis, ou seja, o esporte teria melhorado os hábitos da juventude educando-a moral e fisicamente, evidenciando possibilidades de restauração da raça em formação, que culminaria em um país com “homens válidos e mulheres aptas á procreação” (O SÉCULO..., 1930, p. 1). Assim dizia a matéria intitulada “O século da eugenia: o papel

⁸ Percebe-se, portanto, que o discurso eugênico foi usado tanto para defender, como para condenar a prática esportiva.

que São Paulo desempenhará na regeneração física da raça”, que concluía afirmando que se o país todo seguisse seu exemplo, a evolução da raça seria alcançada:

A parada que aqui se realizou [...] foi a mais bella demonstração do apreço em que é tido em São Paulo à cultura física. O desfile de milhares de jovens de ambos os sexos, das sociedades e clubes, constituiu alguma coisa de grandioso e surpreendente, como jamais o nosso país pode assistir. E, o que foi possível observar nessa grande demonstração, denuncia tão largas possibilidades para a restauração eugênica da nossa raça em formação, que se faz mister a “réprise” desse espectáculo empolgante, sobretudo como propaganda da cultura que há de aperfeiçoar o tipo nacional. Melhor seria, talvez, que o exemplo de S. Paulo irradiasse pelo país e cada Estado, na medida de suas forças, promovesse uma parada annual, passando em revista as suas reservas eugênicas. Teríamos, assim, disseminada pelo territorio imenso do país, a methodização dos conhecimentos athleticos, cuja propaganda foi iniciada em São Paulo de modo seguro e afficiente. (O SÉCULO..., 1930, p. 1)

Essa dimensão moral pelo qual o esporte era reconhecido, não era percebida somente pelo afastamento da juventude de vícios externos à prática, mas também por sua própria lógica interna. Em um artigo publicado em 1934, o autor se demonstrou extremamente desapontado com um acontecimento, no qual em uma partida de futebol, um dos times se retirou de campo faltando sete minutos para o fim da partida. De acordo com o autor, os rapazes se retiraram em razão de estarem perdendo o jogo, e para ele, o mais inconcebível de tudo isso foi que os próprios dirigentes do time apoiaram a ação, ao invés de “procurar levar o esporte para sua **verdadeira finalidade**, criar na mocidade o espírito da ordem e da disciplina, fazel-a obediente às decisões dos juízes, ensinal-a a saber ganhar e saber perder” (PROSEGUIU... 1934, p. 11, grifo nosso). O grifo demonstra que era uma grande responsabilidade do esporte, entre outras coisas, a educação moral da juventude, uma educação voltada para as condutas, para a disciplina do corpo, conquanto isso pudesse ser questionado.

Se a referência dentro do Brasil para a formação eugênica da juventude eram os próprios paulistas⁹, a referência oriunda do exterior percebida na *A Gazeta* eram os Estados Unidos. Filmes que representavam a vida da mocidade moderna eram recorrentes em colunas específicas de cinema do periódico. Se dizia que para cinegrafistas, falar da vida dessa juventude e dos aspectos concernentes a sua vida, dentre eles o esporte, era uma fonte inesgotável e generosa. A influência dos EUA na formação da juventude brasileira de raça forte, eugênica, a partir da prática esportiva, partilhada pelo Carlos Joel Nelli - como demonstrado acima -, bem como pelo médico Alexandre Tepedino (TEPEDINO, 1932c, p. 5), também se mostrou muito presente no cinema, com a apresentação de filmes representando a vida dos jovens norte

⁹ Como já visto, essa soberba dos paulistas é evidente em inúmeras produções do periódico. Nas eleições de 1930 por exemplo, o jornal vinha defendendo Julio Prestes como presidente, apresentando matérias nas quais tanto a mocidade mineira como a mocidade paulista apoiavam o candidato de São Paulo. Tudo isso na crença de que apenas um paulista poderia dar um rumo adequado para o desenvolvimento do país.

americanos e suas rotinas esportivas, descritas como divertidas e modernas (CINEMAS, 1930a, p. 8; CINEMAS, 1930b, p. 5; CINEMAS, 1930c, p. 5; CINEMAS, 1930d, p. 5; CINEMAS, 1930e, p. 5; CINEMAS, 1931a, p. 5; CINEMAS, 1931b, p. 4; FILHAS..., 1930, p. 5). Essa repetição de fontes fazendo a comparação entre a juventude do Brasil e dos Estados Unidos evidencia em quem os intelectuais brasileiros espelhavam a modernização no país.

A força do discurso eugenista, de afastamento de fraquezas e doenças, sobretudo voltado à juventude, era proveniente principalmente do campo médico. Como afirmou Tepedino, “nenhum médico deixará de atender a um moço que precisa curar-se. Todo médico tem hoje, bem presente, a noção eugenica do futuro da raça” (TEPEDINO, 1932b, p. 6). Exclusivamente para as mulheres jovens, pautado pelo mesmo campo, o incentivo ao esporte com fins eugênicos, diferente de quando visto no contexto masculino, não raras vezes ocorriam amalgamados ao discurso da beleza. Ao resgatar a discussão que acontecia no momento entre roupas longas e roupas curtas, apresentado no início deste tópico, é possível perceber essa associação do esporte com a estética quando se fala na mulher, tal associação que inexistente quando se fala de homens. No suplemento *Página feminina*, em uma coluna específica de moda, o debate sobre o comprimento das vestimentas aparece outra vez, concluindo que só haveria uma condição adequada para as mulheres usarem vestidos longos: em seu casamento. Segundo o texto, a problemática anterior dos vestidos longos era que as mulheres não sentiam-se confortáveis com seus corpos com eles, o que agora não ocorreria, pois “raras são as noivas de cem kilos. Por conseguinte a linha moderna é ideal para a noiva *typo*, a esbelta joven modelada pelos esportes” (A MODA..., 1930, p. 7). Em uma publicação feita no mesmo suplemento, dizia-se que o esporte era imperativo e uma necessidade para a mulher moderna, para que fosse garantido o futuro da raça e a conservação da juventude da própria que o pratica. Apesar disso, para elas o esporte era recomendado com ressalvas, sem a necessidade de excessos (OS ESPORTES..., 1930, p. 7).

O uso do esporte como forma de modelar o corpo de acordo com as normas estéticas não foi encontrado com relação aos homens, o que evidencia o esporte também como um dispositivo de controle estético dos corpos femininos. Nesse sentido, para se adequar aos fins eugênicos, a prática esportiva deveria resultar em um corpo nem tão magro, pois levaria a fraqueza do organismo, nem tão gordo, pois o discurso médico-científico não permitia. De acordo com o porta voz da medicina da *A Gazeta*, “gordura é antiesthetica. A medicina recommenda que se combata a obesidade [...] [porém] a muita magreza só póde prejudicar: enfraquece o organismo, diminue á resistencia a doença e, do lado esthetico... é um desastre” (TEPEDINO, 1932, p. 5). O doutor Tepedino, em explicações voltadas para as mulheres, se esforça em afirmar que a gordura é um fator disgênico, que a mulher moderna reconhece que gordura não combina com saúde e nem estética, mas sim com doença, e ressalta “não se póde perdoar a uma mulher que se descuida de sua linha. Medicina e esthetica são duas amigas que sempre concordam...” (TEPEDINO, 1933, p. 2). Cabe aqui a questão: quais foram os processos históricos e sociais que levaram a essa forte associação da eugenia com a estética quando o assunto são os corpos femininos?

Apesar de tudo, como frisado anteriormente, os discursos apresentam resistências, que podem ser exploradas pelas discontinuidades nas fontes. Com a eugenia isso não é diferente, pelo menos com aquela que é conhecida como eugenia negativa. No jornal, como mostrado, existem menções e defesas recorrentes à eugenia, mas aquela que procura o desenvolvimento da raça pela melhoria das condições ambientais, denominada de eugenia positiva¹⁰, sendo o incentivo da prática de exercícios por exemplo um claro sinal dessa inclinação. Uma crítica ao hitlerismo evidencia a repulsa da exterminação de outras raças em virtude do fortalecimento da nação.

E Hitler, mesmo, não é sincero quando fala em paz ao mundo, e internamente fomenta o militarismo, e a intolerante perseguição aos judeus e a todo aquele que, em meio da allucinação hitlerista, mantém o equilíbrio das faculdades mentaes. Que representa essa encarniçada perseguição? Um hymno a violencia, um estímulo aos odios de raça, o despertar dos antagonismos irreconciliaveis, numa palavra, a guerra (AS PALAVRAS... 1933, p. 1).

O movimento sanitarista no Brasil, como não foi homogêneo, teve convergências de objetivos com a eugenia em determinados momentos. O primeiro tinha como preocupação maior a melhoria de condições saneamento, de educação e de saúde da população, sem necessariamente projetar com isso o desenvolvimento de uma raça superior, portanto, não eram todos os higienistas que concordavam com a eugenia, e menos ainda com a eugenia negativa, pois vários deles foram contra essa ideia. Por outro lado, a eugenia, como já mencionado, tinha como cerne de sua teoria a construção de uma raça humana evoluída, procurando selecionar de modo racional os genes privilegiados a serem transmitidos adiante. A convergência se dava na medida em que parte dos higienistas, se desdobravam na ideia de eugenia positiva, que alicerçados na teoria de Lamarck (DALBEN; GOIS JUNIOR, 2018), acreditavam que a melhoria das condições ambientais poderiam ser transmitidas de maneira hereditária, sendo assim, a defesa da intervenção do Estado na melhoria de condições de vida de grupos sociais vulneráveis era advogada. Tudo indica que as teorias eugênicas mais radicais, de esterilização compulsória, aborto seletivo, segregação e regulamentação de casamento, que estavam presentes nos debates desse período como mostrou Gois Jr. e Garcia (2011), não tinham espaço no jornal *A Gazeta*, haja vista a sua forte ausência no jornal, combinado com o fato de que a única vez que foi mencionada dentre todas as fontes analisadas, foi com um caráter de crítica incisiva, de repúdio a perseguição e “estímulo aos odios de raça”.

¹⁰ Conforme Gois e Garcia (2011, p. 1) a eugenia positiva é “a conscientização e educação dos indivíduos para os princípios eugênicos”; a eugenia negativa “se dividia em três ramos: esterilização, segregação, e regulamentação de casamentos”.

4. Considerações finais

É perceptível a força do discurso eugenista, e como ele é central em toda a discussão do assunto, ao analisar nas fontes a maneira como que ele mobilizou diversas práticas e representações na sociedade, no qual aqui o foco foi a juventude. Portanto, é possível dizer que o cerne da busca pela educação moral, intelectual, física, a busca do rejuvenescimento e o fomento a prática esportiva têm uma forte conexão com a idealização de uma nação futura constituída por uma raça superior, sendo por conta disso, a juventude um grupo crucial para esse objetivo. É justamente por isso que o esporte e a educação integral se fazem tão presentes nas discussões que envolveram essa categoria social, entendida como aquela que irá compor a sociedade no futuro. Um grande balizador do quanto a eugenia estava presente ou não na sociedade era o quão jovens as pessoas se pareciam. Isso significa que quanto mais jovem uma população, mais eugênica ela era, o que explica as idealizações de um mundo que fosse um “jardim de Juventas”. Na esteira desse processo, a disseminação de tantos produtos cosméticos ou alimentares que prometiam a permanência ou, inclusive, o retorno à juventude - mesmo que no fundo, não tivessem nenhum respaldo de que os produtos realmente fizessem isso - pode ser entendida como uma apropriação do mercado do discurso em voga e em ascensão para a obtenção de lucros. Quando o assunto era especificamente mulheres jovens, houve uma forte associação da beleza e de um padrão estético com a eugenia, e nessa perspectiva, a mulher que fosse ou muito gorda ou muito magra estaria, inevitavelmente, atrapalhando os almejos sociais de construção de uma país eugênico. Com relação ao esporte, na grande maioria das vezes, foi relacionado com a eugenia, com apenas uma matéria que falava sobre o Lima Barreto, e como ele questionava o seu potencial eugênico. Isso pode ser um sinal de que a eugenia positiva estava fortemente naturalizada, principalmente no campo médico, como explicitou diversas vezes o médico Alexandre Tepedino, pois Lima Barreto, ao tentar desqualificar o esporte, afirma que ele não corresponde aos princípios da eugenia, enquanto aqueles que visavam qualificá-lo, o faziam em nome de sua capacidade de regeneração da raça, ou seja, não se questionava a eugenia, mas o quanto determinadas práticas corroboravam ou não com ela.

5. Matéria encaminhada para publicação

Os resultados desta pesquisa serão submetidos à Revista Brasileira de Ciências do Esporte, indexada ao Scielo.

6. Apoio

O presente trabalho foi feito com o apoio do Sistema de Apoio ao Estudante (SAE) da Universidade Estadual de Campinas.

7. Perspectiva de continuidade ou desdobramento do trabalho

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram coletadas notícias de 1930 a 1933 utilizando as palavras chave *Mocidade* e *Juventude*, sendo 371 títulos para juventude e 936 para *Mocidade*. Devido ao tempo reduzido da IC, não houve tempo para analisar os 936 títulos da *Mocidade*, sendo feitos 406. Além disso, eles só foram utilizados para ajudar a sustentar alguma linha argumentativa em alguns momentos da construção do texto. Sendo assim, uma possível continuidade do trabalho é concluir a análise da *Mocidade* até 1933, e usá-la em sua totalidade, e por fim coletar e analisar todo o resto da década de 1930 em um trabalho de pós-graduação.

Fontes

A CONTRA propaganda do café nos Estados Unidos. *A Gazeta*, p. 1, 10 mar. 1933.

A FEDERAÇÃO Brasileira. *A Gazeta*, p. 12, 3 set. 1934.

A GAZETA. *A Gazeta*, p. 5, 12 mai. 1931. Nota de jornal sem título.

ANTONIO de Almeida superou um novo record na 2a. disputa da “volta de Sant’Anna”. *A Gazeta*, p. 12, 6 ago. 1934.

A MAIS nova e a mais edosa nadadoras... *A Gazeta*, p. 4, 5 mar. 1934.

A MODA por cinderela. *A Gazeta*, p. 7, 28 jan. 1930.

AS PALAVRAS do chancellor. *A Gazeta*, p. 1, 18 mai. 1933.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 8, 14 mar. 1930a.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 5, 4 abr. 1930b.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 5, 14 abr. 1930c.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 5, 16 abr. 1930d.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 5, 8 ago. 1930e.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 5, 3 jan. 1931a.

CINEMAS. *A Gazeta*, p. 4, 17 mar. 1931b.

COMO PODEREMOS viver 140 annos? *A Gazeta*, p. 3, 11 mar. 1931.

COMO O GOVERNO auxilia o esporte... *A Gazeta*, p. 15, 3 dez. 1934.

ENTREVISTANDO Jack Mulhall. *A Gazeta*, p. 6, 20 jan. 1931.

FILHAS do prazer. *A Gazeta*, p. 5, 17 dez. 1930.

FILHO, M. Paulo. Lima Barretto e os esportes. *A Gazeta*, p. 3, 23 abr. 1930.

NELLI, Carlos Joel. Os Jogos Olympicos de Los Angeles. *A Gazeta*, p. 4, 17 out. 1932.

NELLI, Carlos Joel. Os Jogos Olympicos de Los Angeles. *A Gazeta*, p. 7, 4 nov. 1932.

O CULTO da belleza. *A Gazeta*, p. 2, 22 abr. 1932.

O DIA. *A Gazeta*, p. 4, 12 jan. 1931.

O E.C. HUMBERTO Primo commemorou o seu 20.o anniversario, realizando successo a sua primeira prova pedestre. *A Gazeta*, p. 6, 3 set. 1934.

O SÉCULO da eugenia: O papel que São Paulo desempenhará para a regeneração physica da raça. *A Gazeta*, p. 1, 12 mar. 1930.

OS ESPORTES são uma necessidade para a mulher moderna. *A Gazeta*, p. 7, 5 ago. 1930.

OS INIMIGOS do athleta. *A Gazeta*, p. 5, 31 dez. 1934.

OS PAULISTAS são ainda campeões brasileiros. *A Gazeta*, [s.p.], nov. 1934.

PINGUE pongue. *A Gazeta*, p. 10, 18 jun. 1934.

PROSEGUIU hontem o campeonato juvenil. *A Gazeta*, p. 11, 22 jan. 1934.

SUAS ALTEZAS os principes inglezes em S. Paulo. *A Gazeta*, p. 1, 28 mar. 1931.

TEPEDINO, Alexandre. Consultorio medico. *A Gazeta*, p. 5, 12 abr. 1932a.

TEPEDINO, Alexandre. Consultorio medico. *A Gazeta*, p. 6, 13 abr. 1932b.

TEPEDINO, Alexandre. Consultorio medico. *A Gazeta*, p. 5, 25 mai. 1932c.

TEPEDINO, Alexandre. Consultorio medico. *A Gazeta*, p. 8, 28 nov. 1932d.

TEPEDINO, Alexandre. Consultorio medico. *A Gazeta*, p. 2, 24 mar. 1933.

UMA QUESTÃO amena de ordem social... *A Gazeta*, p. 4, 8 jan. 1930.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2005

BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é só uma palavra”. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Edições Fim de Século, 2003. p. 151-162.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. 2002.

DALBEN, André; GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. Embates esportivos: o debate entre médicos, educadores e cronistas sobre o esporte e a educação da juventude (Rio de Janeiro e São Paulo, 1915-1929). *Movimento*, Porto Alegre, p. 161-172, mar. 2018.

DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. *Estud. hist.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, dez. 2009

GOIS JR., Edivaldo. A “luta contra a morte”: os corpos, modernidade brasileira e uma história da velhice, São Paulo e Rio de Janeiro, década de 1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 27, n.1, p. 93-113, jan.mar. 2020.

GOIS JR., Edivaldo; GARCIA BARRETA, Alessandro. A eugenia em periódicos da educação física brasileira (1930-1940). *R. da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 22, n. 2, p. 247-254, 2. trim. 2011.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Rev de Educação do Cogeime*, v. 25, p. 9-22, 2004.

HIME, Gyseli Valentim Vaz Coelho. Um projeto nacionalista em busca da modernidade: *A Gazeta de Cásper Líbero na Era Vargas*. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 3., 2005, Novo Hamburgo-RS. Anais [...] . Novo Hamburgo-RS: Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia, 2005. p. 1-15. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1?b_start:int=100. Acesso em: 22 jul. 2020.

LINHALES, Meily Assbú. *A escola e o esporte*. São Paulo: Cortez, 2009.

ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano. 1962.

PEREGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 31, n. 84, p. 275-291, ago. 2011.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. *Um toque de clássicos*. 2a. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.